

A FESTA DA SANTA CRUZ DO QUILOMBO DO CAFUNDÓ SOB A PERSPECTIVA DA TAXIONOMIA DA FOLKCOMUNICAÇÃO¹

Rafael Alves Sobrinho Filho ²

RESUMO

O objetivo deste trabalho é demonstrar por meio de observação etnográfica, entre as diversas atividades realizadas durante a Festa da Santa Cruz, que ocorre anualmente, no Quilombo do Cafundó, em Salto de Pirapora, interior paulista, aquelas que podem ser enquadradas na taxionomia da Folkcomunicação criada por Beltrão (1980) e atualizada ao longo dos anos por Marques de Melo (1979, 2006, 2008) e com a contribuição de pesquisadores como Gobbi e Fernandes (2013). Além do encontro de exemplos práticos da aplicação dessa divisão taxionômica, busca-se como resultado, a contribuição para a valorização e divulgação da cultura afro-brasileira por meio das festas populares.

PALAVRAS-CHAVE: Folkcomunicação; festas populares; Festa da Santa Cruz; Quilombo do Cafundó; cultura popular.

INTRODUÇÃO

Para Munanga (1996, p. 58), quilombo é “uma palavra originária dos povos de línguas bantu (kilombo, aportuguesado: quilombo) [...] cujos membros foram trazidos e escravizados nesta terra”. O autor ainda detalha que inicialmente os quilombos brasileiros eram formados por escravizados que revoltados com sua situação de sofrimento, “organizaram-se para fugir das senzalas e das plantações”.

Com o passar dos anos, a temática quilombola passou a fazer parte de “aulas, debates, pesquisas e projeções que alimentaram o anseio de liberdade de jovens através de entidades, escolas, universidades e da mídia”. Isso, juntamente com outros fatores, fizeram com que os quilombos se tornassem “sinônimo de povo negro, sinônimo de

¹ Trabalho apresentado para o GT Alfa (Online) - Mídias e culturas populares, integrante da programação da 22ª Conferência Brasileira de Folkcomunicação – Folkcom 2025, realizado de 29 a 31 de outubro de 2025.

² Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba. Membro do Grupo de Pesquisa Comunicação Urbana e Práticas Decoloniais. E-mail: rafaelalves_2006@yahoo.com.br.

comportamento do negro e esperança para uma melhor sociedade”, conforme explicado por Nascimento (B., 2021, p. 166).

Baseado em Marques de Melo (2008, p. 76-77) é possível afirmar que as festas populares, nas quais se enquadra a Festa da Santa Cruz, cada vez mais têm se caracterizado como “processos comunicacionais [...] na medida em que agentes socialmente desnivelados [...] produzem mensagens coletivas”. E esse “perfil eminentemente comunicacional” das festas populares propicia grandes interações socioculturais.

O QUILOMBO DO CAFUNDÓ

O Quilombo do Cafundó, hoje instalado na região metropolitana de Sorocaba/SP, é um dos mais antigos quilombos ativos no Brasil. Ele “existe desde 1888, quando o casal Joaquim e Ricarda Congo recebeu a alforria e herdou as terras do ‘senhor’. Hoje o território possui 218 hectares, onde vivem 120 quilombolas”, Regina (2023). O quilombo, assim como muitos outros, enfrentou por décadas, a perseguição e as ameaças de latifundiários, relacionadas aos processos de grilagem de terras.

Dentre os fatos mais recentes ocorridos no quilombo, destaca-se que 2022 foi marcado pela participação inédita do quilombo do censo demográfico nacional. Em 2023, o quilombo recebeu a visita do rei de Angola, Tchongolola Tchongonga Ekuikui 6º, que esteve no Brasil pela primeira vez. Já em 2024, o nome do quilombo e o seu dialeto, a cupópia, alcançaram patamares ainda maiores na esfera musical, com o lançamento do álbum *Cupópia: A fala Ancestral*. Com 10 faixas, a obra pode ser acessada no YouTube ou Spotify.

UM POUCO DE ETNOGRAFIA

Marques de Melo (2008, p. 80) comenta sobre a utilização do método da observação, que “destina-se a registrar as festas populares, descrevendo-as e analisando-as monograficamente enquanto processos comunicacionais”.

Seguindo a ideia de Geertz (2008), Rovida (2023, p. 141) afirma que “nas pesquisas de campo, formatadas pela descrição densa”, busca-se evidenciar os “sentidos produzidos coletivamente pelos sujeitos que fazem parte dos fenômenos ou cenas observados”. Para isso, o autor deste trabalho esteve presente na festa por mais de uma vez, em média das 10h às 22h. Ou seja, o autor *observou os rituais*, o que segundo Geertz (2008) se enquadra no tipo de etnografia que ele defende.

A observação dos diversos momentos da festa e das atuações dos atores que a integram, juntamente com a participação prática nas atividades, fez com que o pesquisador proponente deste artigo visualizasse os atos por diversas perspectivas, dialogando com o pensamento de Magnani (2002, p. 14-15) que defende ser “justamente essa dimensão que a etnografia ajuda a resgatar. A incorporação desses atores e de suas práticas permitiria introduzir outros pontos de vista sobre a dinâmica”.

A FESTA DA SANTA CRUZ E A TAXIONOMIA DA FOLKCOMUNICAÇÃO

A Folkcomunicação é uma teoria criada por Luiz Beltrão, na sua tese defendida em 1967, que se debruçou no estudo da comunicação dos grupos marginalizados. De acordo com o autor, ela trata-se do “conjunto de procedimentos de intercâmbio de informações, ideias, opiniões e atitudes dos públicos marginalizados urbanos e rurais, através de agentes e meios direta ou indiretamente ligados ao folclore” (Beltrão, 1980, p. 24). De acordo com Beltrão (1980), os grupos marginalizados são as pessoas que estão a margem de duas culturas sendo grupos diversos que são excluídos e que utilizam meios não convencionais para se comunicar e obter a informação que necessitam.

Baseado nos conceitos da Folkcomunicação, é possível afirmar que o Quilombo do Cafundó se enquadra nos três grupos, rurais, urbanos, e culturalmente marginalizados, conforme apresentados por Beltrão. Rurais pela área onde se encontram, urbanos devido à pouca distância da metrópole e culturalmente por pertencerem, defenderem, praticarem e disseminarem uma cultura que tanto sofre preconceitos: a africana.

A festa da Santa Cruz ocorre há mais de 150 anos. Através dela os quilombolas agradecem as bênçãos alcançadas durante o ano e homenageiam os santos protetores do quilombo. A comemoração começa às 11h do sábado e vai até às 6h da manhã de domingo. Durante a festividade, ocorrem: procissões; reza de terço; troca do mastro que

carrega a bandeira da Santa Cruz; intervenções culturais de samba, jongo, capoeira e umbigada; barracas de comidas e bebidas; apresentações de quilombolas em volta da fogueira com tambores e cantos no dialeto cupópia; e um bailão.

Marques de Melo (2013) reduz os gêneros folkcomunicacionais anteriormente definidos por Beltrão, de cinco para quatro, ao unir o gênero oral com o musical e alterar a nomenclatura do gênero escrita para visual. O autor define gênero como sendo uma “forma de expressão determinada pela combinação de canal e código” e os sintetizam da seguinte forma: Folkcomunicação oral (canal auditivo - códigos verbal/musical); Folkcomunicação visual (canal ótico - códigos linguístico/pictórico); Folkcomunicação icônica (canais ótico/tátil - códigos estético/funcional) e Folkcomunicação cinética (múltiplos canais - códigos gestual/plástico).

Esses gêneros são subdivididos em dois grupos: formato e tipo. Segundo Marques de Melo (2013, p. 1023-1024) *formato* é a “estratégia de difusão simbólica determinada pela combinação de intenções (emissor) e de motivações (receptor)”, e *tipo* é a “variação estratégica determinada pelas opções simbólicas do emissor, bem como por fatores residuais ou aleatórios típicos da recepção”.

Dentro do gênero Folkcomunicação Oral existe o formato Reza, que segundo Gobbi e Fernandes (2013, p. 18) engloba os tipos “*bendito*”, um canto religioso que acompanha as procissões, e “*ladainha*”, uma “oração formulada por uma série de evocações curtas e respostas repetitivas”. Baseado nesses conceitos é possível afirmar que duas atividades da festa se enquadram nos tipos “*bendito*” (Procissão de Ogum) e “*ladainha*” (Procissão de São Benedito e Nossa Senhora Aparecida). A *Procissão de Ogum*, marca o início das atividades e abre a festa. Durante a procissão, os visitantes e moradores do quilombo carregam folhas da planta conhecida popularmente como “espada de Ogum” ou “espada de São Jorge”, fazem orações e cantam canções afro-brasileiras ao som de atabaques, que, geralmente, de cima de uma caminhonete ou trator, guiam o grupo. Na *Procissão de São Benedito e Nossa Senhora Aparecida*, ao escurecer, os homens partem para um lado do quilombo, carregando a imagem do santo, enquanto as mulheres seguem para o outro, com a santa. A caminhada ocorre por ruas de terras, iluminadas apenas por velas, em direção à casa da pessoa mais velha do quilombo. A procissão se assemelha ao tipo “*ladainha*” pois durante todo o trajeto, quem puxa a

procissão entoa orações curtas, que são repetidas, diversas vezes pelas demais pessoas, frases por frases.

De acordo com Gobbi e Fernandes (2013, p. 20-21), o gênero Folkcomunicação icônica agrega o formato Devocional, onde se manifesta o tipo “*imagem de santo* (em diversos materiais, destinados aos cultos católicos e afro-brasileiros)”. Esse tipo pode ser observado nas procissões, dentro da capela e nas casas dos moradores. Ainda no mesmo gênero, no formato Decorativo, existe o tipo “*ornamentos domésticos* (santos, bandeirolas e objetos oriundos de festas populares com fins de decoração)”, nele acredita-se enquadrar a loja de lembrancinhas da festa, onde são vendidas entre outras coisas, imagens de santos e vestimentas afro-brasileiras, que também dialogam com o formato Utilitário, que agrupa o tipo “*vestuário* (compreende trajes e peças típicas que indicam a profissão e/ou religião dos seus usuários)”.

Gobbi e Fernandes (2013, p. 21-22) apontam que dentro do gênero Folkcomunicação cinética existe o formato Agremiação, que abarca os tipos “*comunidade de base*” e “*mutirão*”. Já o formato Celebração acolhe os tipos: “*Candomblé*”; “*missa crioula*”; “*procissão*”; e “*Umbanda*”. No formato Distração, encontramos os tipos: “*capoeira*” e “*quermesse*”. O tipo “comunidade de base” fica evidenciado pela comunidade que é formada em volta da festa, seja a dos moradores, organizadores ou visitantes. O tipo “mutirão” pode ser observado na *Troca do Mastro*. Após a procissão de Ogum, dezenas de homens, devido ao grande peso, se reúnem de forma voluntária em um mutirão para a troca do mastro de bambu, que carrega, na ponta, a bandeira da Santa Cruz.

Os tipos “Candomblé” e “Umbanda” podem ser vistos na procissão que abre a festa e nas demais saudações e reverências que são feitas aos orixás e entidades. Após a “procissão” de São Benedito e Nossa Senhora, ocorre uma espécie de “missa crioula” onde é realizado um terço comandado geralmente por um líder de terreiro. No decorrer da festa, é possível observar, no formato Distração, os tipos “capoeira” pois ocorrem apresentações de grupos e coletivos que a representam, e “quermesse”, pois os moradores e pessoas externas autorizadas, montam barracas para venderem comidas e bebidas típicas da região.

Gobbi e Fernandes (2013, p. 22) assinalam o formato Festejo que contém o tipo “*festa da padroeira*”, onde se enquadra o objeto de estudo. Já o formato Dança, reúne os tipos “*batuque*”, “*jongo*” e “*samba*”. Todos eles podem ser identificados na festa. No início da noite, ao redor de uma fogueira, os moradores e visitantes do quilombo realizam batuques e apresentações de jongo, samba e danças características como a umbigada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredita-se que este estudo sobre o Quilombo do Cafundó e a Festa da Santa Cruz sob a luz da Folkcomunicação, uma teoria que possui “aplicabilidade em várias frentes e em fenômenos comunicacionais” conforme Gobbi e Fernandes (2013, p. 28), se faz relevante como contribuição para uma valorização e divulgação das festas populares e da cultura afro-brasileira do interior de São Paulo, bem como para o universo da pesquisa, já que os estudos “das manifestações da cultura popular tem feito com que ocorra uma ampliação do acervo cognitivo produzido pela academia” Gobbi e Fernandes (2013, p. 28). O objetivo do artigo também foi de reforçar a importância e evolução dos quilombos, no intuito de desmitificar concepções simplistas sobre essas comunidades, que ainda permeiam o senso comum.

REFERÊNCIAS

- BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GOBBI, Maria Cristina. FERNANDES, Guilherme Moreira. **José Marques de Melo e os estudos científicos da Folkcomunicação**. Revista Internacional de Folkcomunicação, v. 11, n. 22, p. 10-28, 2013.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. **De perto e de longe: notas para uma etnografia urbana**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 17, n. 49, p. 11-29. São Paulo: jun. 2002.
- MARQUES DE MELO, José. **Mídia e cultura popular: história, taxionomia e metodologia da Folkcomunicação** / José Marques de Melo. - São Paulo: Paulus, 2008.
- _____. **Taxionomia da Folkcomunicação: gêneros, formatos e tipos**. XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Rio de Janeiro, INTERCOM/UERJ, 6-9 setembro de 2005.

_____. **Taxionomia da Folkcomunicação.** In MARQUES DE MELO, José. FERNANDES, Guilherme Moreira (org). Metamorfose da Folkcomunicação: antologia brasileira. São Paulo: Editae Cultural, 2013.

MUNANGA, Kabengele. **Origem e histórico do quilombo na África.** Revista USP, São Paulo, n. 28, Dossiê Povo Negro – 300 anos, p. 53-63, 1996.

NASCIMENTO, Beatriz; RATTS, Alex (org). **Uma história feita por mãos negras: relações raciais, quilombos e movimentos.** Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

REGINA, Taís. **A história de resistência do Quilombo Cafundó.** Portal Outras Palavras, 2023. Disponível em: <https://outraspalavras.net/descolonizacoes/a-historia-de-resistencia-do-quilombo-cafundo/#:~:text=Outra%20tradi%C3%A7%C3%A3o%20que%20permeia%20o,conquistas%20cultivadas%20durante%20o%20ano>. Acesso em: 27 dez. 2024.

ROVIDA, Mara. **A pesquisa de campo na comunicação:** a pesquisa etnográfica nos estudos e práticas socioculturais. In DRIGO, Maria Ogécia; MARTINEZ, Monica (Orgs). Experiências com pesquisa em comunicação. Sorocaba: Eduniso, 2023, p. 127-156.